



## A que Tradição Pertence a Tradição Gramatical Russa?<sup>1</sup> (To what Tradition does the Russian Grammatical Tradition Belong?)

Patrick Seriot\*

*Id teneamus quod ubique, quod semper, quod ab  
omnibus creditum est.*  
Vincent de Lérins, séc. V<sup>2</sup>

### Resumo

Trata-se de suspender a evidência do sentido de tradição e de sua pertinência ao refletir sobre uma história das idéias gramaticais na Rússia, propondo ir além do antagonismo de uma sobredeterminação da tradição ocidental (greco-latina) versus uma filiação exclusiva a uma tradição grega que se oporia radicalmente à latina. Mostra-se que o que se apresenta freqüentemente como uma diferença espacial Leste/Oeste (ortodoxo/católico) é na realidade uma ruptura ideológica. A diferença não é entre tradição grega e latina, mas entre uma atitude com respeito à língua fundamentada na razão e uma outra, na fé.

**Palavras-chave:** história das ciências linguísticas, tradição, história das idéias linguísticas, Europa Oriental

### Abstract

This article deals with the suspension of evidence in the sense of tradition and of its pertinence when reflecting on a history of the grammatical ideas in Russia, proposing to go beyond the antagonism of an overdetermination of the Western tradition (Greco-Latin) versus an exclusive affiliation to a Greek tradition, which would radically oppose the Latin tradition. It shows that what is frequently presented as a spatial Western/Eastern difference (orthodox/catholic) is, in reality, an ideological rupture. The difference is not between Greek and Latin but between an attitude with respect to the language founded on reason and another founded on faith.

**Keywords:** history of the sciences, linguistics, tradition, history of linguistic ideas, Eastern Europe

<sup>1</sup> Publicado em: A quelle tradition appartient la tradition grammaticale russe?, *Langages* (Paris), n° 167, 2007, p. 53-69.

\* Université de Lausanne. Unicentre – ch -1015 Lausanne-Suisse – tél. +41 21 692 11 11, fax: + 41 21 692 26 15. E-mail: [patrick.seriot@unil.ch](mailto:patrick.seriot@unil.ch)

<sup>2</sup> “É preciso se ater ao que foi acreditado em todo lugar, sempre e por todos.”

## AS FRONTEIRAS ORIENTAIS DA TRADIÇÃO OCIDENTAL

Como em *A carta roubada* de Edgar Poe, um objeto é tão menos visível quanto mais ele é apresentado ao olhar de todos.

Assim ocorre com a surpreendente noção de “tradição gramatical russa”. Com efeito, quando se olha do “Oeste”, parece evidente que a “lingüística ocidental” (Western linguistics) encontra sua origem na tradição greco-latina, esta mesma constituindo um todo relativamente homogêneo (Auroux<sup>3</sup>, Desbordes<sup>4</sup>) a partir de uma fonte grega inicial (Benveniste<sup>5</sup>, Law<sup>6</sup>). Somente alguns raros trabalhos tentam colocar em evidência uma diferença entre a Grécia e o mundo romano no domínio dos estudos gramaticais<sup>7</sup>.

Visto “do Leste”, no entanto, o quadro é bem diferente. Muitos lingüistas russos afirmam e ensinam que a “tradição russa”, que representa uma cultura que não está nem na Europa nem no Ocidente, remonta à tradição grega, a qual é apresentada como em oposição radical à tradição latina. Assim, para V. Kolesov (1991: 224), a tradição gramatical latina é fundamentalmente diferente da tradição grega, ela suscita relações “hostis” na Rússia, as duas tradições estão “em conflito” por causa, principalmente, da questão do uniatismo.

O paradoxo lógico pode então ser expresso do seguinte modo:

- para uns, a tradição ocidental prolonga a tradição greco-latina;
- ora, para outros, a tradição russa, diferente da tradição ocidental, remonta à tradição grega, que está em oposição radical com a tradição latina;

<sup>3</sup> “...a gramatização maciça, a partir de uma só tradição lingüística inicial (a tradição greco-latina)” (Auroux, 1992:11, tradução nossa).

<sup>4</sup> “Pode-se verificar (nesse corpus de textos) a unidade da tradição greco-latina” (DESBORDES, 1989: 150, tradução nossa).

<sup>5</sup> “Todos sabem que a lingüística ocidental nasce na filosofia grega. Tudo proclama essa filiação. A nossa terminologia lingüística se compõe em grande parte de termos gregos adotados diretamente ou na sua tradução latina” (BENVENISTE, 1988: 20)

<sup>6</sup> “Without the Greeks of the Fifth and Fourth Centuries BC Western civilisation as we know it today would be unimaginable. [...] in the space of three generations a small group of people could set the agenda for much of the subsequent intellectual history of the West, and of Western linguistics in particular” (LAW, 2003: 13).

<sup>7</sup> “Passando da Grécia a Roma, entramos em um mundo muito diferente. Fala-se com razão da época greco-romana como de um período de civilização unificada, mas os papéis respectivos da Grécia e de Roma foram divergentes e complementares” (ROBINS, 1976: 48, tradução nossa).

- então, a tradição grega é reivindicada ao mesmo tempo como fonte do mesmo (no Oeste) e prova do diferente (no Leste).

Como o diferente pode ter origem no mesmo, reivindicar a mesma origem, sem que o ponto de ruptura possa ser claramente assinalado? Se a Grécia está no Ocidente para os ocidentais, mas no Oriente para os russos, deve haver em algum lugar um grande *mal-entendido*, que tem a ver com a interpretação do mundo bizantino, ao mesmo tempo em continuidade e em ruptura com a Grécia antiga.

Os paradoxos lógicos são freqüentemente índices de que uma questão é colocada em termos que lhe bloqueiam qualquer solução. É por isso que propomos aqui uma pesquisa sobre a distinção entre o mesmo e o diferente, começando por desconstruir a noção muitas vezes não questionada de “tradição”, que pode funcionar como obstáculo epistemológico para pensar o objeto de pesquisa. Será que veremos então de um modo diferente o pensamento gramatical desse “mundo ocidental”, esse “saber ocidental” de que fala M. Foucault (1966: 262-263) sem jamais apresentar uma definição dele, construindo no vazio, implicitamente, um “mundo oriental” não nomeado, cuja existência deve ser pressuposta enquanto ponto de contraste?

O “Ocidente” é o grande impensado das histórias da lingüística “ocidental”. O mesmo ocorre com a noção de Europa.

## A NOÇÃO DE TRADIÇÃO É UTILIZÁVEL NA HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS?

Decidamos não tomar a noção de “tradição” como um ponto de partida, dado de antemão, mas como uma noção a “trabalhar”, ponto de chegada de uma pesquisa, sem atribuir muita confiança ao poder exorbitante das expressões definidas (“a tradição X ou Y”).

É pouco provável com efeito que venha à mente de alguém falar em “tradição” a propósito de física nuclear ou de biologia molecular. A noção de “tradição” é geralmente apresentada nos dicionários e enciclopédias como associada aos dogmas religiosos, ao folclore, mas, ao que parece, jamais à ciência. Essa lacuna é tão curiosa que não faltam exemplos de utilização dessa palavra na história da lingüística para falar de “tradição lingüística” chinesa, árabe, hindu, às vezes até mesmo “ocidental”. Notemos de passagem que a expressão “lingüística tradicional” é pejorativa, enquanto que “tradição lingüística” não o é.

Depois de o trabalho de M. Foucault ter sistematicamente questionado o termo tradição<sup>8</sup>, podemos nos surpreender que ele tenha ainda direito de cidadania na história da lingüística, ao menos de um modo não teorizado, fazendo apelo à evidência. Ora, quando Foucault rompia com os objetos incertos da “história das idéias”, ele não imaginava sem dúvida que se pudesse manipular sem precaução a noção de tradição para designar conjuntos culturais separados uns dos outros, modos culturalmente determinados de trabalhar o objeto da lingüística. Assim, G. Mounin (1972: 149) faz apelo, sem lhe dar uma definição, a uma “tradição profunda do pensamento russo”, assim como J.-C. Milner opõe “nossa tradição” à dos lingüistas russos (1982: 334).

Uma interpretação culturalista semelhante dos procedimentos na lingüística não seria, afinal, tão chocante se não fosse essa ausência total de definição dos objetos que se manipulam, esse apelo amortecido à evidência, à intuição. Se existe uma “tradição ocidental” em lingüística, um “pensamento ocidental”, como diz, por exemplo, a *Enciclopédia filosófica universal* (P.U.F., 1989), então se coloca uma questão que raramente é colocada nesses termos, “aqui”, no Ocidente: o “pensamento russo” faz parte dela, como pensam os ocidentalistas russos? Ou representa um “mundo” à parte no movimento das ciências na Europa, como o afirmam os eslavófilos?

Trata-se então de um pensamento às margens da Europa, ou de uma outra Europa? Será que houve uma “secessão oriental da civilização européia” (BRETON, 1991: 107), ou duas civilizações diferentes? De fato, é talvez ao século XVI que seria preciso remontar, a esses primeiros estremecimentos daquilo que se tornará depois de 1504 a oposição irreduzível de duas leituras da cristandade, a “ocidental” e a “oriental”, duas variantes de uma mesma cultura, duas “redações” de uma mesma tradição: a bizantina e a latina. Dois “mundos” dos quais se pode, conforme seus desejos ou a tese que se vai defender, ressaltar as semelhanças profundas ou ao contrário sublinhar as divergências intransponíveis. Dois mundos religiosos, mas também filosóficos, artísticos, científicos, unidos por uma relação de atração e de repulsa.

---

<sup>8</sup> “Há, em primeiro lugar, um trabalho negativo a ser realizado: libertar-se de todo um jogo de noções que diversificam, cada uma à sua maneira, o tema da continuidade. Elas, sem dúvida, não têm uma estrutura conceitual bastante rigorosa; mas sua função é precisa. Assim é a noção de tradição: ela visa dar uma importância temporal singular a um conjunto de fenômenos, ao mesmo tempo sucessivos e idênticos (ou, pelo menos, análogos); permite repensar a dispersão da história na forma desse conjunto; autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem; graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência, e seu mérito transferido para a originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos. O mesmo ocorre com a noção de influência (FOUCAULT, 2000: 31-32).

A história das idéias gramaticais pode trazer elementos para uma resposta a essa interrogação.

## A “QUESTÃO DA LÍNGUA” NA EUROPA ORIENTAL

Nem ruptura nem continuidade, categorias antitéticas mas simples demais, que não permitem dar conta dos problemas que a noção de “tradição gramatical russa” coloca. Há passagens de uma tradição a outra, ou seus limites são hermeticamente fechados? Os riscos de aporia são grandes. É por isso que parece razoável falar de “pensamento gramatical na Rússia” ao invés de “tradição russa”.

Ressaltemos de início o lugar limitado que a reflexão gramatical bizantina ocupa na historiografia europeia da lingüística medieval<sup>9</sup>. Teria havido em Bizâncio uma “falta da Europa”<sup>10</sup>?

O que se chama em francês “o grande Cisma do oriente” e em russo “a separação das igrejas” (1054) é a data oficial de uma ruptura espacial. Esse recorte no espaço, no entanto, somente mascarava um acontecimento muito mais importante, a ruptura temporal que representou o fechamento da Escola de Atenas em 529 pelo imperador Justiniano. É nesse contexto ideológico profundamente abalado pelo cristianismo que nasce na Europa oriental a “questão da língua”, de que vamos expor agora os traços principais, e que forma o quadro de análise gramatical nos países eslavos ortodoxos.

O mundo intelectual bizantino parece ter uma abordagem dupla da herança grega clássica. De um lado, uma atitude conservadora: as descrições e análises dos gramáticos eram essencialmente comentários de textos clássicos a preservar e a imitar (cf. ROBINS, 1976: 46). De outro lado, como vimos, uma ruptura ocorreu com a rejeição da sabedoria pagã pelo pensamento cristão.

A situação é diferente nos países eslavos. Entrando no mundo cristão, os eslavos herdavam uma disputa que não era sua, mas eles desempenharam aí um papel muito ativo. É importante compreender a evolução das idéias gramaticais no mundo eslavo

<sup>9</sup> Cf., no entanto, ROBINS, 1993.

<sup>10</sup> “Vista do Oeste”, a cultura bizantina suscita por vezes comentários pouco amenos: “Se a Europa é filha da Grécia antiga, a Rússia seria antes de Bizâncio, quer dizer, de uma Grécia contaminada pelas práticas persas do despotismo oriental, e até mesmo do *césaro-papismo*” (BRETON, 1991: 104, tradução nossa). O mesmo autor lembra que a cultura bizantina era considerada como “oriental” pelos Ocidentais (*ibid.*: 15). “Visto de Bizâncio”, ao contrário, a passagem das Cruzadas ocidentais pilando Constantinopla em 1204 deixou a impressão geral de hordas bárbaras atacando o último bastião da civilização...

ortodoxo se não nos damos conta desses dados de partida. Vamos então explorar a hipótese de que há uma ligação intrínseca entre “tradição gramatical” e tradição religiosa na Europa medieval.

A escrita de gramáticas, com efeito, não é arte pela arte. Suas motivações subjacentes são sempre historicamente situadas. Ocupa-se de gramática para resolver outros problemas sem por vezes o dizer, ou sem se dar conta: buscar um método para chegar de modo seguro à verdade, para falar corretamente ou com eloquência, para garantir uma interpretação fiel da palavra de Deus, para construir uma língua nacional, portanto uma identidade coletiva, para legitimar um poder político sobre um determinado território...

Se, em linhas gerais, para os teóricos da Idade Média nos países católicos, a gramática tem por fim (no sentido de finalidade) a construção da *oratio perfecta* (frase completa, cf. STEFANINI, 1994: 36), a atividade gramatical no mundo eslavo ortodoxo tende antes de tudo a justificar a dignidade da língua eslava aos olhos dos Gregos. É que o papel da língua sagrada na “Eslávia ortodoxa” era muito diferente daquele do latim na “Eslávia romana”<sup>11</sup>.

## EMPRÉSTIMO, ADAPTAÇÃO, REJEIÇÃO, IMITAÇÃO

### Cirilo e Metódio: Uma Quarta Língua Sagrada na Europa ou uma Outra Terceira?

“É em grego que fomos batizados, mas a língua que recebemos é o búlgaro. O que poderia nos trazer a língua de um povo privado de tradições culturais, de literatura, de história? Os irmãos de Salônica desempenharam para a Rússia um papel fatal... O que teria se passado se tivéssemos recebido o cristianismo em grego, como o Ocidente em latim? Bizâncio não resistiu à pressão do Oriente selvagem, e fez chegar no Ocidente a herança de seus tesouros, enquanto somente nos deixava sucedâneos de produção local, inventados em uma época de degenerescência moral e intelectual” (G. SPET, 1992 [1989: 28-29]).

Lembremos brevemente que em 863 dois irmãos, Cirilo e Método, membros da aristocracia intelectual grega de Salônica, são chamados pelo Imperador de Bizâncio Miguel III a empreender uma missão de evangelização junto aos eslavos da Europa

<sup>11</sup> A terminologia “Eslávia romana”/“Eslávia ortodoxa” se deve aos trabalhos de R. Picchio e de seus colaboradores, que foram uma fonte de informação essencial para o presente trabalho. Cf. PICCHIO, 1972; PICCHIO & GOLDBLATT, 1984.

central, a pedido do príncipe Rostilav da Grande Morávia<sup>12</sup>, inquieto com o avanço dos germanos em direção ao Leste. Para isso, eles criaram uma língua livresca, sobre a base do dialeto búlgaro-macedônio da região de Salônica, que eles conheciam bem, para traduzir do grego ao eslavo os textos de base da teologia cristã. Eles criam um alfabeto, de início o “glagolítico”, depois o “cirílico”, adaptado à fonética do dialeto que servia de base à língua livresca. Esta língua, chamada em francês de “vieux-slave” (Eslavo Antigo) tem a particularidade de ser *desde o início* uma língua sagrada, reservada a um uso religioso, diferentemente do grego e do latim, que eram línguas de cultura antes de se tornarem línguas da religião cristã. Ora, é exatamente essa particularidade funcional que é ressaltada nas polêmicas dirigidas contra os gregos, mas também contra os letrados latinofônicos, que têm tendência a duvidar da *dignitas*, quer dizer, da capacidade desta língua de expressar todas as sutilezas da teologia bizantina. Mas é esta língua que vai servir de união aos eslavos ortodoxos, enquanto os eslavos católicos, vivendo no mundo cultural latino, seguiram um modelo de gramatização dos vernáculos muito diferente.

Diferentemente do latim, o eslavo antigo era, durante a Alta Idade Média, ainda suficientemente próximo dos falares vernaculares para ser, se não perfeitamente compreendido, ao menos percebido como uma forma prestigiosa e elevada da língua e não como uma língua *estrangeira*. Na Rússia foi preciso esperar o século XVIII para que se notasse que a língua livresca da Igreja não era a forma pura da qual o russo corrente tinha se distanciado, mas um idioma de base dialetal eslava meridional, quer dizer, o antigo búlgaro-macedônio.

Mas essa proximidade com os vernaculares tornava a língua livresca facilmente permeável a estes últimos, de modo mais ou menos inconsciente para os letrados que escreviam. Uma língua morta utilizada por homens vivos só podia se deteriorar com o tempo. Apareceram então variantes locais da língua livresca: os diferentes *eslavos* (eslavo russo, eslavo búlgaro, eslavo servo etc.). Essa degeneração, que poderia levar à criação de línguas eslavas nacionais em países ortodoxos desde o século XIV, provocou, ao contrário, reações, de início nos Bálcãs, depois, com o afluxo de refugiados em seguida à tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, na Rússia moscovita e rutena. A deterioração havia cessado, a ortografia e a morfologia tinham sido restauradas, enquanto o léxico havia enriquecido consideravelmente por derivação.

---

<sup>12</sup> Esse território recobriria hoje aproximadamente as atuais Hungria e Eslováquia.

A história da língua livresca nos países eslavos ortodoxos e da reflexão metalingüística que a acompanha é assim feita de períodos sucessivos de evolução local divergente e de reação purista centralizadora, cujos fundamentos são de ordem religiosa antes do que propriamente lingüística.

Konstantin Kostenečski: Fideísmo e Hesicasmo

O cristianismo, religião do livro, privilegia o texto escrito como meio de acesso ao *conteúdo* (ao dogma). Mas logo surgem atitudes divergentes frente à escrita. Logo se torna difícil falar de uma tradição eslava em matéria de língua ou de gramática<sup>13</sup>.

Assim, no início do século X na Bulgária, na geração dos letrados que acolheram os sobreviventes da missão de Cirilo e Metódio, expulsos da Moravia, já se distinguem dois centros, duas escolas, duas “tradições” embrionárias. Com as reflexões de João o Exarca sobre a tradução, a Escola de Ohrid dá prioridade ao sentido sobre a expressão: a ausência de equivalência estilística e gramatical entre as línguas (a não-correspondência dos gêneros gramaticais, por exemplo) necessita de uma tradução livre, *pelo sentido*. Nisso, João o Exarca não se diferenciava de São Jerônimo (342-420), autor da tradução latina da Bíblia (a Vulgata), que dedica uma de suas cartas ao exame da teoria da tradução, sustentando que é preciso traduzir o espírito antes do que a letra (“sentido por sentido antes do que palavra a palavra”: Jerônimo, *Lettres*, 57, citado por ROBINS, 1976: 74).

Mas logo, na mesma Bulgária, a Escola de Preslav depois a de Turnovo defendem ao contrário a exigência de seguir *literalmente* o texto original em nome da fidelidade ao dogma canônico (KOLESOV, 1991: 208; SUSOV, 1999: 74). É aí que vai se formar em seguida uma atitude que se pode chamar de *fideísta*<sup>14</sup> diante do texto escrito, prolongada pelo búlgaro Konstantin Kostenečski, refugiado na Sérvia no século XV, no momento em que o território búlgaro já estava ocupado pelos turcos. Nessa época, os falares vernaculares eslavos já haviam se distanciado de modo notável dos textos originais, e os manuscritos apresentavam variações lingüísticas cada vez mais importantes.

<sup>13</sup> Sobre a noção não discutida de “tradição eslava em filosofia da linguagem” no sentido de “filosofia da linguagem nos países de língua eslava”, cf. RUDENKO & PROKOPENKO, 1995.

<sup>14</sup> O fideísmo baseia-se em uma desconfiança em relação à razão: a Fé só deve ser fundamentada na Fé. A Razão não nos ensina nada sobre a verdadeira natureza das coisas, a verdade absoluta só pode ser fundamentada na revelação e na Fé.



Para Kostenečski, a noção de *reforma conservadora* não é um oxímoro: ele defende a restauração de uma norma lingüística pura e unificada, pela adoção de um formalismo religioso muito estrito, que distancia cada vez mais a língua escrita do vernáculo, sacralizando o escrito enquanto tal. Essa prática de restauração filológica dos textos, cuja importância será considerável na discussão sobre a noção de “tradição gramatical russa”, só pode ser compreendida sobre o fundo doutrinal do *hesicasmo*.

A ligação estreita que faz Kostenečski em seu *Tratado das letras (Kniga o pismenax, 1423-1426)* entre a ortografia eslava (*pravo-pisanie*) e a Ortodoxia (*pravo-eslavia*) se explica pelos princípios da doutrina *hesicasta*, definida no início do século XIV por Santo Gregório Palamas, para quem a luz que os apóstolos, surpresos, haviam contemplado, no Monte Thabor, no momento da Transfiguração do Cristo, não era um *símbolo*, mas uma *energia real* que emanava de Deus.

Do mesmo modo, para Kostenečski, que postulava para o eslavo antigo uma pureza original, apesar da contingência de sua origem, as letras eslavas são "divinas", porque elas não são símbolos intermediários, mas uma manifestação direta da presença de Deus. Essa atitude com respeito ao signo em geral implicava que os signos gráficos inspirados por Deus, representação *visível* da fala divina, deviam ser cuidadosamente distintas dos signos imperfeitos forjados pelos homens. O eslavo da Igreja era um *ícone* da Verdade, ícone essencialmente visual, porque somente a forma escrita da língua podia desempenhar esse papel de ícone (cf. GOLDBLATT, 1987: 348). E como a noção de língua era inteiramente assimilada à "língua dos textos", puro mundo de signos, toda reflexão sobre a língua que fosse além da ortografia, por exemplo, ocupando-se de paradigmas morfológicos, era inaceitável: no pensamento hesicasta, a totalidade do dizível é reduzida ao conjunto do já-escrito. Nenhuma elaboração de gramática é necessária para a reprodução gráfica fiel dos textos canônicos. Quanto à língua eslava, ela se definia por seu *conteúdo*, religioso e não laico<sup>15</sup>.

A atitude fideísta de Kostenečski com relação à escrita é coerente: ele estabelece uma ligação necessária entre erro ortográfico e heresia, entre barbarismo e blasfêmia. A ortografia é o que permite estabelecer uma diferenciação formal, pelos signos gráficos, entre o temporal e o sagrado.

Sua doutrina ortográfica se baseia em um ideal de transparência e de univocidade do signo. Assim ocorre com o uso do *αντιστοιχον*, ou par de grafemas que

---

<sup>15</sup> Daí sua freqüente nomeação de “eslavo eclesiástico” ou “eslavo de Igreja” (Church Slavonic, Kirschenslavisch).

permite diferenciar homônimos (por exemplo, conservando na escrita eslava o *ípsilon* e o *iota* do grego, homófonos nas duas línguas nessa época). O objetivo dessa prática é desmascarar a heresia por meio de uma ortografia desambigüisante. A homofonia resulta freqüentemente da perda de uma antiga oposição fonológica, por exemplo entre *i* e *y* (vogal posterior) em búlgaro e em sérvio, marcada pelo emprego aleatório das duas letras nos escritos errôneos que Kostenečski denuncia. A manutenção da distinção ortográfica vai permitir em compensação manter à distância todo risco de desvio dogmático: se a seqüência *edinorodnyi syn* (“o Filho único engendrado pelo Pai”) apresenta a ortografia *edinorodnii* (antiga forma de nominativo plural), vê-se imediatamente, materialmente, aparecer a heresia nestoriana, que afirma que existem duas pessoas no Cristo (e não uma pessoa única sob duas “naturezas”, humana e divina).

Mas, talvez mais do que a ortografia (combinação de grafemas), são os signos diacríticos, quer dizer, não diretamente ligados à oralidade, que importam para Kostenečski. Assim, a escrita hebraica do nome de Deus (somente por consoantes) tinha sido repensada em Bizâncio como a expressão secreta do santo Nome. Acima do nome sem vogais escrevia-se um traço horizontal, modo de colocar a palavra em evidência. Depois, na escrita bizantina e eslava, as abreviaturas de palavras santas e o traço sobre a palavra (em eslavo: “titlo”, do grego *τιτλοζ*, ‘inscrição’, ‘título’) são considerados como sagrados<sup>16</sup>. Esse sistema de abreviatura torna-se a única escrita possível das palavras sagradas, e por conseguinte a marca visual dessa distinção. Encontra-se em numerosos manuscritos dos séculos XIV e XV que as palavras *angel*, *apostol*, *arxiepiskop* escritas sem abreviatura e sem *titlo* designam os anjos e os apóstolos de Satã. A palavra Deus sob o *titlo* (БГЪ) só pode designar o Deus cristão, mas escrita com todas as letras (БОГЪ) ela permite colocar à distância *visualmente* os deuses pagãos.

Trata-se do momento mais intenso da *fê na letra*: depois de Kostenečski, ninguém escreveu de modo tão apaixonado, ameaçou tanto de anátema os “faltosos” ou “pecadores da escrita” (*pogrešajuščie*) nem profetizou aos apóstatas que eles queimariam nas chamas do Inferno.

Na mesma época, no Ocidente, a gramática, ocupando-se do *sermo congruus*, começava a se separar da lógica, que visava ao *sermo verus*. Kostenečski não se situa

---

<sup>16</sup> No entanto, aí novamente é preciso desconfiar de uma interpretação geografista da cultura: para a tradição latina cristã antiga encontra-se também freqüentemente a idéia de que *Nomen Dei non potest litteris explicari*.

nessa alternativa: para ele como para todos os pensadores hesicastas, o respeito à letra é a garantia da fidelidade ao dogma. O verdadeiro não se deduz por um julgamento bem construído, nem a gramaticalidade pela conformidade às regras. É a aparência material da escrita que garante o pertencimento de um enunciado a um cânone do dogma. Em suma, trata-se de um prolongamento do primeiro início da gramática na Grécia: seu objeto é a escrita, enquanto seqüência de letras. Mas a análise dos constituintes da proposição e mesmo a das partes do discurso é relegada diante do respeito à própria *letra*. Nessa ideologia lingüístico-teológica, o que tinha sido na época de Cirilo e Metódio a reivindicação pentecostal do uso do vernáculo como língua sagrada torna-se agora afirmação de que só uma língua escrita totalmente fixada e imóvel pode levar à via da Saúde. A língua sagrada está prestes a se tornar uma língua morta.

As idéias de Kostenečski chegam à Rússia e se mantêm como pano de fundo das controvérsias teológicas que tomam a gramática e a língua como objetos, a tal ponto que em 1748 ainda, na Rússia, um autor como V. Trediakovskij sentia a necessidade de lembrar que a ortografia era somente um aspecto secundário da gramática e não se ligava com a teologia.

#### Tradução de Gramáticas e Tradição Gramatical

O pensamento sobre a língua na Europa Oriental não se resume ao ardente apego hesicasta a uma semiótica do signo visual imutável, porque aí também uma intensa atividade gramatical se desenvolveu.

O fato de que para Aristóteles só haja a ciência do geral determina o estatuto da gramática na Idade Média na Europa Católica nos séculos XII e XIII: distingue-se a ciência dos nomes (submetida, em virtude do arbitrário do signo, à fantasia e ao irracional) da ciência das regras que é em todo lugar aproximadamente a mesma (*paene idem apud Omnes*: cf. STEFANINI, 1994: 37). A tradução de gramáticas, que a nossos olhos pós-estruturalistas pode parecer um puro *nonsense*, era na Idade Média um empreendimento perfeitamente natural. Assim, Roger Bacon podia declarar que a gramática é uma só e a mesma para todas as línguas e que as diferenças de superfície entre elas são apenas variações puramente acidentais: “Grammatica una et eadem est secundurum substantiã in omnibus linguis, licet accedentaliter varietur” (citado por ROBINS, 1976: 81). É por isso que as primeiras gramáticas dos vernáculos na Europa Católica são adaptações dos modelos latinos (Donato, Prisciano), os quais por sua vez

são calcados nos modelos gregos (Dionísio da Trácia). Bastaria mudar os exemplos mudando a língua. O mesmo ocorre com eslavos-ortodoxos, com o mesmo fenômeno de transferência cultural, com a particularidade de que: a) os modelos a imitar eram no início exclusivamente gregos; b) a língua a descrever e a colocar em regras não era o vernáculo, mas uma língua livresca já quase morta: o eslavo.

As primeiras gramáticas eslavas manuscritas e depois impressas foram abundantemente descritas em inglês (WORTH, 1983), em alemão (JELITTE, 1972; TOMELLERI, 1999), em francês (ARCHAIMBAULT, 1998, 1999). Trataremos aqui unicamente de algumas particularidades da gramatização do eslavo nos eslavos orientais.

Assim, começou-se a traduzir gramáticas nos países eslavos ortodoxos, mas uma questão se apresenta: de que língua se traduziam essas gramáticas e de que língua esses novos produtos eram a gramática?

O mais antigo tratado escrito em língua eslava que nós obtivemos é um manuscrito de uma curta gramática, incompleta, do eslavo, considerada por muito tempo como uma tradução de um tratado gramatical de Jean Damascène que de fato jamais existiu. Ele é designado agora como o “pseudo-Damascène”, compilação de textos mais antigos, realizada na Sérvia no século XV<sup>17</sup>. Trata-se mais de uma compilação do que da tradução de um único texto. Pelo modo de exposição do material, a terminologia, o modo de tratar os fatos gramaticais, o tratado segue muito fielmente a tradição grega. Alguns pesquisadores mostraram que, por exemplo, na ordem da apresentação do caso (NGADV onde o autor fala dos acidentes do nome, enquanto que nas outras passagens ele apresenta a ordem clássica NGDAV), ele segue uma lógica sintática própria a Apolônio, e não uma lógica semântica, própria a Dionísio (NIKOL'SKIJ, 1999). Logo, eles tiveram nessas traduções-adaptações de gramáticas clássicas dificuldades em distinguir as categorias próprias à língua a descrever. Assim, quantos casos havia no eslavo? De fato, tudo depende do modelo seguido: 6 caso se siga o modelo latino (traduzindo uma gramática latina, quer dizer criando um ablativo a partir de um sintagma preposicional confundido com a forma de caso), 5 caso se siga o modelo grego. Foi necessário esperar a gramática de Smotrickij (Viena, 1619) para que os 7 casos do eslavo fossem identificados, desta vez com o instrumental e o preposicional, mas sem ablativo. Quanto ao número dos tempos verbais no passado, ele

<sup>17</sup> Cf. ARCHAIMBAULT, 1999: 44-45; WORTH, 1983: 14, sqq.

vai, segundo os autores, do simples ao duplo e as próprias formas apresentam incoerências curiosas no interior do paradigma do aoristo. Vamos ver a razão disso mais adiante.

Tradição grega ou tradição latina?

Pode-se dizer que, até o início do século XVI, em todos os tratados de gramática escritos e depois editados na Rússia (moscovita ou rutena) se manifesta a influência exclusiva das teorias gregas. Mas a partir de 1522, com a tradução da *Ars Minor* de Donato, os modelos latinos chegam à Rússia. Então, se partimos do princípio de que os modelos latinos imitavam os modelos gregos, devemos nos perguntar sobre o que resta de tangível no choque entre as “duas tradições”, grega e latina.

É necessário reconhecer que as duas correntes não apresentam diferenças irreconciliáveis. A ordem das oito partes do discurso é diferente, mas há sempre oito, número que simboliza a completude (há sete etapas da vida, mas a morte representa a oitava etapa, que vem fechar o ciclo). Como se pode esperar, as gramáticas eslavas que seguem o modelo grego apresentam um artigo (*različie*), aquelas que seguem o modelo latino apresentam em contrapartida a interjeição (*meždometie*). Em todos os casos busca-se introduzir à força os fatos do eslavo em um quadro preestabelecido, o que tem como resultado formas “curiosas”, que às vezes não têm relação nem com o eslavo antigo inicial nem com a sua evolução no espaço e no tempo. Assim, quando se traduz uma gramática latina, há 4 conjugações regulares para o presente e 2 irregulares (são os próprios lexemas latinos que fornecem os exemplos dos paradigmas: 1ª conjugação - *lyubiti* = *amare*, 2ª - *učiti* = *docere* etc.; cf. ARCHAIMBAULT, 1999: 62; WORTH, 1983: 96), mas quando se traduz uma gramática grega encontram-se facilmente treze (WORTH, 1983: 19).

O problema que gostaríamos de levantar aqui é saber, a partir das duplas fontes comuns, grega e latina, como pôde haver na Rússia afirmações tão categóricas sobre o corte entre o mundo latino e o mundo grego.

A RELAÇÃO COM A LÍNGUA É DETERMINADA POR UMA IDEOLOGIA SUBJACENTE

Moscóvia e Rutênia: O que Vem Depois é o Que Vem de Fora

Ao avançarmos, um grave problema de *nomeação* se coloca a propósito do ou dos territórios concernidos quando se trata da “tradição russa”. Com efeito, convém ressaltar que as primeiras gramáticas eslavas entre os eslavos orientais não foram publicadas na Rússia moscovita, mas em um Estado pouco conhecido: o Estado Federal Polonês-Lituano, ou *Rzeczpospolita* (cf. DUROVIC, 1995; USPENSKY, 1994a), cuja elite dirigente era católica, mas que compreendia uma importante minoria eslava oriental ortodoxa. Ora, muitos pesquisadores russos ainda persistem em chamar atualmente esse Estado, muito diferente da Rússia Moscovita, de “Rússia do Sudoeste”. A situação se complica mais quando se percebe que as gramáticas eslavas em questão são chamadas “gramáticas do bielo-russo antigo” pelos pesquisadores bielo-russos (JASKEVIC, 2001) e “gramática do ucraniano antigo por pesquisadores ucranianos”. Quanto a I. Susov (1999: 79), ele fala das “primeiras gramáticas russas impressas”. Ainda que todo esse processo de nomeação esteja sujeito a controvérsia, decidimos chamar “Ruteno” aos eslavos orientais (cf. UNBEGAUN, 1953) cujos descendentes tornaram-se mais tarde os bielo-russos e os ucranianos<sup>18</sup>.

O Estado Polonês-Lituano, fundado em 1569, e que durou até as divisões da Polônia no final do século XVIII, foi marcado por incessantes disputas religiosas que culminaram com uma contra-reforma ambiciosa, da qual uma das conseqüências originais foi a criação da Igreja uniata no momento da União de Brest (1596): muitos ortodoxos reconheciam a autoridade do papa, mantendo ao mesmo tempo a totalidade do seu ritual, inclusive a liturgia eslava. Essa zona de contatos entre eslavos do oeste (polonês) e eslavos do leste (rutenos), entre católicos, ortodoxos, uniatas e protestantes (sem contar os judeus e alguns tártaros muçulmanos), zona que os poloneses chamavam “territórios do leste” e os russos “territórios do oeste”, foi o viveiro de discussões teológicas apaixonadas, nas quais o que estava em jogo precisamente era a língua e a gramática. A “tradição gramatical russa” permaneceria pouco compreensível fora da “questão da língua rutene”, que marcou as disputas religiosas na época da Contra-Reforma no Estado Federativo Polonês-Lituano.

---

<sup>18</sup> Nenhum desses dois termos existia no século XVII. Os eslavos orientais ortodoxos da Polônia-Lituânia denominavam a si mesmos “Rus’kye” ou “Rusiny”. Eles eram chamados “Ruskie” pelos russos de Moscou. E eram chamados “Ruthene” em alemão e Ruthini em latim, enquanto que os russos da Moscúvia eram “moscovitas”. A comunidade das populações dos dois lados da fronteira era reforçada pelo fato de que o patriarca de Moscou tinha jurisdição sobre os ortodoxos da Polônia-Lituânia: a igreja ortodoxa autocéfalá russa era transestatal.

A “língua rutena”, quer se tratasse da variante escrita do vernáculo eslavo-oriental, antepassado do ucraniano e do bielo-russo atuais, quer do eslavo ruteno, era atacada de vários lados por razões diferentes.

Do lado lituano, de início, os letrados, insistindo nas semelhanças entre o latim e o lituano, tentam estabelecer um lugar na política de latinização (cf. DINI, 1999: 23), destinada a combater a influência do “ruski”, quer dizer do ruteno escrito (cf. MARTIL, 1937: 51-54). Esta língua era considerada como “bárbara”, pois era 1) a língua do inimigo hereditário, a saber, os “moscovitas”<sup>19</sup>, 2) “privada de normas gramaticais”, o que impede, por exemplo, uma interpretação unívoca dos textos de lei (texto de 1615, citado por DINI, 1999: 27).

Do lado polonês, é mais a *dignitas* religiosa do ruteno ou do eslavo ruteno que está em causa. Um momento importante da controvérsia é o tratado polêmico do jesuíta polonês Pierre Skarga *De l'Unité de l'Eglise de Dieu sous un seul pasteur et de l'apostalie grecque de cette unité*<sup>20</sup> (Wilma, 1577), dirigido explicitamente contra o eslavo enquanto língua culta. Se esta língua é inapta a veicular a fala divina, é também porque ela é privada de normas gramaticais e lexicais estáveis e definitivas. Apenas o latim (e, teoricamente, o grego) são aptos a essa tarefa, por causa precisamente de sua elaboração em forma de gramática, que impede qualquer variação, logo qualquer desvio dogmático. O ruteno assim como o polonês, em contrapartida, devem ser reservados ao uso apostólico, quer dizer, à língua da pregação, destinada aos fiéis. É por essa razão que P. Skarga era muito hostil à idéia de traduzir a Bíblia tanto na língua vulgar quanto em eslavo, por mais "eclesiástico" que ele fosse.

A acusação de Skarga sobre a falta de *dignitas* do eslavo por ausência de normas gramaticais e retóricas suscita dois tipos diferentes de resposta por parte dos rutenos ortodoxos.

1) Para Ivan Vysens'kyj (1550-1620), monge ruteno do Monte Atos, o eslavo é “mais honroso diante de Deus do que o grego e o latim”, precisamente porque ele não possui os “enganos pagãos” que são a gramática e a retórica. Para ele, é a origem sagrada do eslavo que estabelece sua *dignitas*.

“Se o diabo conduz uma tal luta contra a língua eslava é porque ela [...] conduz a Deus pela leitura simples e estudiosa, sem armadilhas e

<sup>19</sup>Os polemistas lituanos fazem freqüentemente o amálgama entre o *idioma Ruthenum* e *literae moscoviticae*.

<sup>20</sup> Da unidade da Igreja de Deus sob um único pastor e da apostasia grega dessa unidade.

manuais pagãos, sem todas essas gramáticas, retóricas, dialéticas e outras perfídias vãs propriamente demoníacas: ela suscita a simplicidade e a humildade" (VISENSKY, 1955:23-24, citado por FRINCK, 1985: 31-32, tradução nossa).

No entanto, a posição de Visenskij não é desprovida de contradições, pois às vezes ele tenta estabelecer a *dignitas* do eslavo principalmente comparando suas qualidades com as do grego e do latim. Em uma outra passagem, com efeito, ele defende o ensinamento da gramática e da retórica como um programa de estudo ortodoxo. (*ibid.*: 175-176).

2) Um outro tipo de resposta a Skarga é constituído pelas tentativas de defender a *dignitas* do eslavo e de fundar sua norma gramatical: os letrados rutenos tendo freqüentemente efetuado sua formação nos estabelecimentos católicos lançam-se a fazer gramáticas do eslavo ruteno controvertido. Estas gramáticas são impressas sob os cuidados das confrarias ortodoxas, organizações culturais laicas, que receberam do patriarca de Constantinopla o direito de questionar a hierarquia religiosa. Um dos paradoxos característicos dessa época e desse lugar é que elas eram baseadas no modelo das confrarias religiosas católicas. É então pela recepção e imitação das estruturas “ocidentais” que elas pretendiam opor uma resistência eficaz à influência ideológica e religiosa, da qual essas estruturas eram precisamente os vetores. É preciso assinalar ainda que na Rússia moscovita a instituição das confrarias era totalmente desconhecida (cf. BARDACH, 1982).

É por isso que o problema de saber se as três grandes gramáticas do eslavo publicadas na Polônia-Lituânia ao final do século XVI e início do século XVII (*L'Adelphotes*, Lvov, 1951; a gramática de Zizanij, Vilna, 1596 e a de M. Smotrickij, Vilna, 1619) são inspiradas na tradição grega (Dionísio da Trácia) ou na tradição latina (Donato) não parece tão fundamental. É que as gramáticas gregas que Zizanij ou Smotrickij traduzem não provêm das bibliotecas bizantinas (quer dizer do Império Otomano), mas sim desse ocidente latino abominável: trata-se essencialmente da gramática grega de Lascaris (Milão, 1476) e daquela do luterano alemão Philippe Melanchton<sup>21</sup> (1497-1560) publicada em Lião, em 1554.

Pode-se dizer que até o início do século XVI, se os tratados sobre a língua em Russo moscovita ou ruteno imitam ou traduzem os textos gregos, é menos a “tradição

<sup>21</sup>Seu nome *Schwarzed* foi helenizado como *Melanchton*.



gramatical grega" (aquela de Dionísio da Trácia) que é fonte de inspiração do que a atitude reservada à Igreja Ortodoxa em relação à própria reflexão gramatical".

É a situação espacial de contato (com o Ocidente latino) e a situação temporal de controvérsia com os partidários da Contra-Reforma que mais contribuiu para fazer dos países rutenos o berço do pensamento gramatical russo no século XVII, sustentado inteiramente sobre o modelo greco-latino de importação ocidental.

A gramática de Smotrickij, de 1619, é uma resposta direta e explícita às acusações de Skarga. O autor tenta fornecer ao eslavo o mesmo tipo de normas gramaticais que apresentam as línguas clássicas:

“Todos os benefícios que as gramáticas do grego e do latim trazem normalmente, a gramática eslava é incontestavelmente capaz de trazer à sua língua eslava” (SMOTRICKIJ, 2000: 133).

Todo o prefácio se baseia na argumentação de que o grego, o latim e o eslavo possuem uma norma gramatical estável, diferentemente do ruteno e do polonês que são línguas a utilizar na interpretação e na explicação da escritura, para o uso dos não-letrados. O objetivo de Smotrickij é apresentar um corpo de regras que permita “ler em eslavo e compreender o que se lê”. Então, diferentemente, por exemplo, do Donato francês (1531), não se trata de uma gramática de vernáculo, mas de uma língua livresca, sagrada, já de difícil compreensão e com um certo grau de hibridação com o uso falado. Esta gramática não é então comparável nem com uma gramática do latim no Ocidente nem com uma gramática de uma língua vulgar.

A situação se complica ainda mais na medida em que a língua descrita por Smotrickij está longe de ser o eslavo autêntico: ao lado de formas antigas encontram-se formas tardias, influenciadas pelo polonês e pelo ruteno, assim como formas puramente inventadas. De fato, trata-se de uma língua tão artificial e morta que se podem introduzir nela elementos não atestados sem que ninguém comente ou perceba.

Heresias e língua: qual o objeto de conhecimento da gramática?

Nas três grandes “religiões do livro”, a escrita se opõe à fala, que é “fluida”, “variável”, “instável”. Contudo, muitas controvérsias religiosas da Renascença têm a ver com uma relação nova com respeito de um lado à oralidade e de outro à gramática.

As fortes tensões ideológicas em torno das lutas religiosas culminam na Rússia moscovita no final do século XV – início do século XVI. Na região de Pskov-Novgorod, próxima à fronteira do Grande Ducado da Lituânia, alguns “heréticos” se opunham à religião oficial. Conservando os vestígios deformados de representações pagãs, seus escritos apresentam um sincretismo de diferentes seitas religiosas russas do século XIV, dos Reformadores da Europa Ocidental e dos bogomilos<sup>22</sup> eslavos do sul. Suas idéias heréticas os fazem se interessar pelas questões científicas, dentre as quais as questões de gramática e de língua ocupam um lugar não negligenciável. O texto fundamental desse movimento é o “Epître de Laodicée”, do pregador Fedor Kuricyn, herético moscovita. Trata-se de um texto codificado, escrito depois de seu retorno da Europa (em uma embaixada de Ivan III, no final do século XV). O texto contém tabelas gramaticais com indicações lexicais, gráficas e, sobretudo, fonéticas. A proposta desse texto é próxima das idéias da Reforma opostas à “tradição” e prega uma leitura pessoal dos textos da Escritura Santa, valorizando o papel do saber, que “traz ao homem a felicidade” (citado por KOLESOV, 1991: 215).

O princípio de classificação fonética nas obras dos heréticos de Pskov-Novgorod é fundamentalmente binário, e lembra as oposições privativas: vogal/consoante, masculino/não masculino, plural/não plural. Encontramo-nos diante de um sistema de pensamento em oposição à fascinação da ortografia em Kostenečski: é o som “vivo” que se torna objeto de atenção.

“O sentido está contido na união da carne e da alma com a energia”, quer dizer, na união da consoante com a vogal, que toma vida na pronúncia. Passando assim da letra ao som, chega-se à idéia de que o sentido somente se torna efetivo quando o texto se torna vivo, quer dizer, pronunciado em voz alta.

A maioria dos Reformadores do século XV-XVI na Europa foram ao mesmo tempo autores de tratados gramaticais. Para eles era fundamental a tradução da Escritura nas línguas vernaculares contemporâneas. Encontra-se a mesma perspectiva na Rússia em Ivan Kuricyn, que conclamava a “escrever os livros divinos de modo fluido e sem ornamentos” (*prjamo i gladko*) (citado por KOLESOV, 1991: 216). Um dos temas de reivindicação mais correntes entre os reformadores-heréticos russos dessa época era a eliminação do eslavo, envelhecido, transformado em obstáculo ao conhecimento de Deus e não mais considerado a única língua digna. Trata-se de uma inversão radical da

---

<sup>22</sup> Sobre os bogomilos e as heresias maniqueístas entre os eslavos dos Bálcãs, cf. Bozoky, 2003.

relação com a língua em relação ao hesicismo palamita. Um outro tema era a valorização do aprendizado da leitura e da escrita, indispensável à saúde:

“Saber ler e escrever é necessário à instrução e à saúde do homem”.  
(*ibid.*)

É assim que os heréticos em 1483 traduzem do hebreu a *Lógica* de Maïmonide, conhecida como “Lógica dos judaisantes”. Encontra-se aí um programa detalhado dos reformadores, que faz apelo ao livre desenvolvimento da ciência<sup>23</sup>. Nesse programa é dito que “aquele que é tolo não poder estar ao lado de Deus” (citado por KOLESOV, 1991: 218). A “Lógica” é construída a partir de materiais gramaticais, os exemplos são traduzidos em uma forma híbrida de eslavo e de russo vernacular. Observamos aí os tipos de unidades lexicais (sinônimos, antônimos, homônimos etc.). Numerosas notações lingüísticas organizam o texto, sobretudo a propósito da teoria da proposição, já que é pela fala que se conhece tudo. É assim estudado o problema do juízo e de seus tipos, e aparece a teoria completamente revolucionária, na época, da oposição entre as categorias do real e do possível<sup>24</sup>.

Mas os heréticos russos elaboram igualmente um sistema de terminologia fonética, de classificação dos sons, e descrevem as bases fisiológicas da fonação.

A implacável repressão contra os heréticos a partir de 1503 colocou fim a essa “tradição” de estudo da língua viva, oral, a partir da qual teria se formado uma língua nacional russa com base vernacular, como em numerosos países da Europa. Na literatura polêmica contra os heréticos todas as notações fonéticas foram substituídas por considerações grafemáticas. É de novo a língua escrita sacralizada a única que permite o acesso ao conhecimento das coisas divinas, e não a “língua do coração”.

O letrado bizantino Maximo, o Grego, convidado na Rússia, na corte de Vasilij III (século XVI), a ajudar a traduzir os livros sagrados do grego para o eslavo, foi acusado de heresia por ter corrigido mal os livros e passa uma grande parte de sua vida nas prisões dos monastérios, sem jamais ter podido retornar à Grécia. Uma das principais acusações era que ele havia substituído um tempo do passado, o aoristo, por um outro tempo, o pretérito perfeito (em perfeita conformidade com a evolução da

<sup>23</sup> Maïmonide estima que a pesquisa sem preconceitos da “verdade científica”, longe de excluir Deus, leva a compreender sua perfeição.

<sup>24</sup> V. Kolesov escreve que “esse texto traduzido se inscreve em uma outra tradição, aquela dos textos traduzidos do latim” (1991: 219). É precisamente esta tese da origem geográfica das “tradições” que gostaríamos de refutar aqui.

língua viva, em que o aoristo não era mais empregado, e que tinha além do mais o inconveniente de confundir a 2ª e a 3ª pessoa do singular). O erro imperdoável que ele tinha cometido em relação a isso foi o de falar de Cristo como um ser temporal, transitório e não eterno.

Esta recusa da abordagem convencionalista do signo quando se trata do texto sagrado está perfeitamente de acordo com a noção de Transcendência da mensagem transmitida.

#### Lutas ideológicas: a recusa da gramática

As primeiras gramáticas impressas do eslavo russo são contemporâneas à luta ideológica em torno da União das Igrejas na Polônia-Lituânia (XVI) que precede a guerra russo-polonesa do “tempo das perturbações, no início do século XVIII”.

É com efeito nessa época que a rivalidade entre mundo católico-protestante de uma parte e ortodoxo de outra se manifesta com mais vivacidade nos eslavos do Leste. Inicialmente, nos rutenos da Polônia-Lituânia, depois finalmente na própria Rússia moscovita. A “tradição do pensamento greco-oriental” (FLOROVSKI, 1937: 172) estava em via de esgotamento e estava sendo lentamente substituída por uma outra coisa, de inspiração “greco-latina”, que nós preferimos chamar “corrente de pensamento”, ou por meio de um termo infelizmente mais “desgastado”, “ideologia”, no sentido de conjunto de representações não explícitas que determina uma produção escrita, científica ou não, e tipos de comportamento.

O conflito ideológico fundamental baseia-se na oposição entre duas concepções do conhecimento, que têm a ver com a questão da relação com a língua na teologia, e suscita uma reação do meio intelectual eslavo oriental, do qual certos círculos viam no ensino escolástico ocidental uma ameaça à pureza da concepção bizantina da relação do homem com sua Saúde.

É neste quadro conflituoso que aparece uma reinterpretação surpreendente da herança cultural grega clássica, a qual se torna rapidamente o símbolo da “tradição latina”, pois o edifício do ensino escolástico ocidental repousa essencialmente sobre Aristóteles, enquanto que o ensino eslavo oriental repousava sobre a autoridade dos Padres da Igreja (Oriental) e sobre as vidas de santos.

É nessa perspectiva que tomam sentido os ataques contra o ensino da gramática. Para muitos eruditos eslavos orientais, o que está em jogo nas discussões se coloca sob

a forma de uma questão retórica: “vale mais estudar a gramática e a retórica ou, sem aprender todos esses artificios, viver uma vida simples que agrada a Deus?”<sup>25</sup> Nesse sistema de valores, é bem evidente que a gramática, assim como a retórica, era assimilada a um “artifício do espírito”, porque inútil à Saúde do homem. O que é oposto é uma outra “sabedoria”, considerada como superior, herdada dos Padres da Igreja Oriental, ascética e monástica, que se pode chamar “greco-oriental”, por diferença ao universo intelectual grego clássico do século V a.C.. Essa sabedoria bizantina afirma a primazia da fé sobre o conhecimento, da integridade espiritual e da pureza sobre os “artifícios intelectuais”. O ensino é rejeitado em seu princípio, por causa de sua inutilidade à saúde, pois a humildade é mais importante que um grande conhecimento e que a “soberba” do sábio, e lhe é superior.

Diante do “perigo” que constituía a seus olhos a abordagem ocidental, “latina”, quer dizer, racionalista, intelectual demais, da teologia, os letrados eslavos ortodoxos ocuparam uma posição de defesa, o que os impulsionou a formular os princípios essenciais de sua oposição à cultura que eles chamavam “ocidental”.

Compreende-se então a oposição do príncipe Kurbskij (1528-1583), emigrado para a Lituânia na época de Ivan, o Terrível, ao abandono do texto eslavo da Bíblia, e sua recusa da tradução dele para a língua vernácula, assim como sua recusa da gramática, que opõe os silogismos artificiais dos filósofos pagãos à verdade evangélica. A gramática para ele é: 1) uma invenção ocidental, portanto ímpia (a Grécia clássica, porque pagã, é assimilada ao “Ocidente”) e 2) inútil para a Saúde.

B. Uspenskij lembra a esse respeito (1994: 14) que as pessoas que polemizavam contra a gramática e a retórica não eram obscurantistas, elas poderiam ser muito eruditas. Elas sustentavam uma posição ideológica determinada. Pode-se encontrar semelhante posição nos Padres da Igreja, mas se trata então da luta contra o paganismo. Essa polêmica não concerne mais à Rússia do século XVI e XVII: nesse outro contexto cultural a polêmica se deslocou em direção ao “latinismo”.<sup>26</sup>

Mas, ainda uma vez, esse conflito teológico que envolve a gramática é uma situação específica da Rússia?

<sup>25</sup> Extraído de um tratado escrito por Eufêmio, monge de um monastério em Čudovo no final do século XVII, citado por Florovskij (1937: 174).

<sup>26</sup> É preciso salientar que a luta contra o latim enquanto língua da Igreja se reencontra nos ataques contra a gramática, também na mesma época, em textos da Reforma na Polônia.

Robins (1976: 72) nota que “nas instituições dominadas pelos clérigos cristãos, a literatura clássica da Antiguidade, que tinha o defeito de ser pagã, é tida como suspeita e alguns se mostram abertamente hostis a esses autores e à língua na qual eles escreveram, porque ela se opõe ao latim recente, mais familiar, da Vulgata e do ritual da Igreja. O Papa Gregório, o Grande (590-610), fez parte de seu menosprezo pelas regras de Donato, aplicadas à língua de inspiração divina.

A questão é ideológica: a gramática age enquanto matriz, ou modelo: como todo modelo, ela permite produzir textos impregnados de um sentido novo, inclusive textos errados por seu conteúdo teológico. É sobre essa base que na Idade Média no Ocidente também se havia podido associar a gramática latina ao Demônio, porque ela ensina a possibilidade de declinar a palavra Deus no plural. Pierre Damian (1007-1072) comenta no *De sancta simplicitate scientiae inflanti anteposenda* a passagem do Gênesis (III) onde a serpente diz a Adão e Eva: “Deus sabe que o dia em que vós comerdes disso, vossos olhos se abrirão e vós sereis como Deuses, que conhecem o Bem e o Mal”. Damian extrai disso uma conclusão sobre as conseqüências negativas do ensino da gramática:

“Ecce, frater, vis grammaticam discere? disce Deum pluraliter declinare. Artifex enim doctor, dum artem obœdientiæ noviter condit, ad colendos etiam plurimos deos inauditam mundo declinationis regulam introducit” (J.P. Migne: *Patrologiæ cursus completus*. Series latina, Paris, 1844-64, PL. CXLV, col. 695, citado por Uspenskij, 1994a: 16, n.41) [Assim, irmão, você quer aprender a gramática? Aprende então a declinar Deus no plural. O hábil professor, com efeito, estabelecendo em novos termos sua arte da obediência, introduz uma regra de declinação da qual o mundo nunca tinha ouvido falar, que honra numerosos deuses.]

## CONCLUSÃO

Como em todos os países europeus, a atividade de gramatização na Rússia é intensa (de início rutena e depois moscovita). Contudo, isso não autoriza a falar de tradição gramatical russa *separada*. A afirmação local da existência dessa tradição, pela intensidade mesma de seu caráter encantatório, não é suficiente para trazer a prova de sua existência. Os debates a propósito da oposição entre Fé e Razão, que tomam a gramática como questão, são certamente importantes, e seria necessário mostrar como a gramática se encontra no centro de controvérsias teológicas acirradas na Idade Média e na Renascença na Europa Oriental. Mas o essencial de nossa conclusão sem dúvida não

é isso. É que a noção de tradição gramatical só é útil *ad hoc*, no momento em que se tem necessidade dela.

A partir do momento em que nós nos afastamos do núcleo canônico de textos que constituem um corpus fechado de um conjunto “grego-latino” da Idade clássica e depois medieval, todo o resto, e principalmente a noção de “tradição ocidental”, se torna informe, pois suas fronteiras orientais são indetermináveis. As tradições gramaticais não são objetos nomeáveis, distintos, mas transformações perpétuas de textos, de idéias, de representações, de metas, de propostas diferentes.

Do mesmo modo que identidade e diferença, ruptura e continuidade não são grandezas discretas, mas os elementos de uma mesma *complexidade*. Encontramo-nos diante de um movimento pendular entre abertura e fechamento às idéias que vêm do Oeste (considerado como o Outro absoluto, aquele do qual se quer se separar estando ao mesmo tempo constantemente fascinado por ele), entre orientação inovadora e conservadora.

O que se apresenta freqüentemente como uma diferença espacial Leste/Oeste (ortodoxo/católico) é na realidade uma ruptura ideológica. A diferença não é entre tradição grega e latina, mas entre uma atitude com respeito à língua fundamentada na razão e uma outra, na fé, entre a gramática como estabilização do TEXTO (a repetir, pela recitação e aprendizagem de cor) e a gramática como MODELO de produção do novo (cf. USPENSKIJ, 1994: 16).

De fato, o tempo comum conta mais que o espaço separado, mesmo se ele apresenta discrepâncias. A gramática é um campo particularmente rico, embora ainda pouco explorado, desses conflitos de idéias que se seguem, se transformam, se dilaceram e se reinterpretem constantemente. Os pares de oposição mundo antigo/mundo cristão, mundo romano/mundo grego, racionalismo/fidéisme; língua sagrada/língua vulgar não coincidem, mas eles têm em comum o fato de sobredeterminar a escrita dos tratados gramaticais.

Um grande trabalho resta a fazer para chegar a um quadro de análise que permita mostrar o implícito ideológico das gramáticas da Idade Média nos países eslavos. O metadiscurso gramatical foi aqui algo revelador.



Tradução: Dantielli Assumpção Garcia e José Horta Nunes



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCHAIMBAULT, S. Grammaires du slavon et du russe. *Histoire Epistémologie Langage*: corpus représentatifs des grammaires et des traditions linguistiques, n. 2, v. 1, p. 423-453, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Préhistoire de l'aspect verbal. L' émergence de la notion dans les grammaires russes*. Paris: CNRS Editions, 1999.
- AUROUX, S. Le processus de grammatisation et ses enjeux. In: \_\_\_\_\_. (org.) *Histoire des idées linguistiques*, v. 2, Liege: Mardaga, 1992.
- BARABACH, J. La rencontre des Eglises catholiques et orthodoxe sur les territoires orientaux du Royaume de Pologne et de Lithuanieaux XIV-XVIIe siècles. *The cammon christian roots of the European Nations*. Florence: Le Monnier, 1982, p. 817-826.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1988.
- BOZOKY, E. (org). Bogomiles, Patarins et Cathares. *Slavica Occitania*. Toulouse, n. 16, 2003.
- BRETON, R. *Géographie des civilisations*. Paris : P.U.F., 1991. (Que sais-je ?)
- BULIČ, S.K. *Očerk istoriii jazykoznanija v Rossii*. Sankt-Peterburg, Rééd: Merkusev, Otto Sagner, 1989. [Ensaio de história da lingüística na Rússia]
- DESBORDES, F. La naissance de la réflexion linguistique occidentale. In: AUROUX, S. (org.) *Historie des idées linguistiques*. V. 1, Liege: Mardaga, 1989, p. 149-161.
- DINI, P. The dispute among humanist regarding latin, lithuanian and Ruthenian. *Historiografia Lingüística*. 1999, p. 23-36.
- DUROVIC,L. Emergence de la pensée grammaticale en Russie ancienne et formation de la grammaire du russe normé. In. SERIOT, P. (org.). *Une famille étrangeté: la linguistique russe et soviétique, Histoire Epistémologie Langage*, t. XVII, n. 2, 1995, p. 17-32.
- FLOROVSKIJ, A. Le conflit de deux traditions – la latine et la byzantine – dans la vie intellectuelle de l'Europe orientale aux XVI-XVIIèmes siècles. *Bulletin de l'association russe pour kes recherches scientifiques à Prague*. Prague,v. V, Section des sciences philosophiques, historiques et sociales, n. 31, 1937.
- FRICK, D. Meletij Smotryc'kyj and the ruthenian language questions. *Harvard Ukrainian Studies*. 1-2, n. 9, 1985, p. 25-52,
- FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

- JAKOBSON, R. The beginning of national self-determination in Europe. In: FISHMAN, J. (org.) *Readings in the Sociology of Language*. La Haye: Mouton, 1968, p. 585-596. (Primeira edição: *The Review of the politics*, n. 7, p.29-42, 1945).
- JASKEVIC, A.A. *Starabelarusskija gramatyki*. Minsk: Belaruskaja navuka, 2001. [As gramáticas do bielorusso antigo]
- JELLITE, H. *Altrussische Traktate über die Sprache (Thematik, Metodik, Terminologie). Die Welt der Slaven*, XVII, h. 1, 1972.
- KOLESOV, V.V. Razvitie lingvisticeskix idej u vostochnyx slavyjan. *Istorija lingvisticeskix ucenij*. Sant Peterburg: Nauka, 1991, p. 208-254. [A evolução das idéias lingüísticas nos eslavos do leste]
- LAW, V. *The history of linguistics in Europe, from Platô to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LIXACEV, D. S. *Razvitie russkoj literatury X-XIII vekov*. Leningrad: Nauka, 1973. [A evolução da literatura russa do século X ao século XVII]
- MARTEL, A. *La langue polonaise dans les pays ruthènes (1569-1667)*. Lille: Trauvaux et Mémoires de l'Université de Lille, 1937.
- MECKOVSKAJA, N. B. *Jazyk i religija*. Moskva: Grand, 1998. [Língua e religião]
- MILNER, J. C. A R. Jakobson, ou le bonheur par la symétrie. *Ordres et raison de langue*. Paris: Seuil, 1982, p. 329-337.
- MOUNIN, G. *La linguistique du Xxème siècle*. Paris: P.U.F., 1972.
- NIKOL'SKIJ, B.M. O vos'mi castjax slova : problema istocnikov. *Evoljucija grammaticeskoj mysly slavyjan*. Moskva: In-t slavjanovedenija [Sobre as oito partes do discurso: um problema das fontes]
- NIMCUK, V.V. *Movoznasvstvo na Ukraïni c XIV-XVII st*. Kyïv: Naukova dumaka, s.g. [A lingüística na Ucrânia nos séculos XIV-XVII]
- PICCHIO, R. *Studi sulla questione della lingua presso gli Slaci*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1972.
- \_\_\_\_\_; GOLBBLATT, H. (org.) *Aspects of the slavic language question*. New Haven: Yale Concilium on international and area studies, 1984, 2 vol.
- ROBINS, R.H. *Brève histoire de la linguistique, de Platon à Chomsky*. Paris: Seuil, 1976.
- \_\_\_\_\_. *The byzantine grammarians, their place in history*. Verlin: De Gruyter, 1993.

- RUDENKO, D.; PROKOPENKO, G. Skovoroda et la tradition slave de philosophie du langage. In : SERIOT. P. (org.) *Une familière étrangeté: la linguistique russe et soviétique, Histoire Epistémologie Langage*, t. XVII, n. 2, 1995, p. 33-52.
- SERIOT. P. (org.) *Une familière étrangeté: la linguistique russe et soviétique, Histoire Epistémologie Langage*. T. XVII, n. 2, p. 33-52, 1995.
- SMOTRICKIJ, M. *Gramatiky Slavenskija pravilnoe syntagma*. Moscou: M.G.U., 2000. [Estrutura correta da gramática eslava]
- STEFANINI, J. *Histoire de la grammaire*. Paris: CNRS Editions, 994.
- SPET, G. Oчерк razvitiija ruskkoj filosofii. *Socinenija*. Moscou : Pravda, 1922 [1989]. [Ensaio sobre a evolução da filosofia russa]
- TOMELLERI, V.S. *Die pravila gramatichnije der erste syntaktische traktat in russland*. München: Verlag Otto Sagner, 1999.
- UNBEGAUN, E. *L'origine du nom des ruthènes*. Winnipeg : Académie ukrainienne libre des sciences, 1953.
- USPEBSKIJ, B. Otmosenie k grammatiko i ritorike v drevenj rusi (XVI-XVII). *Izb.* Moskva, t. 2, p. 7-25, 1994 [A atitude em relação à gramática e à retórica na Rússia antiga (Século XVI-XVII)]
- VISENSKIJ, I. *Socinenija*. Moskva-Leningrad, 1955. [Obras]
- WORTH, D. S. *The origins of Russian grammar. Notes on the state of Russian philology before the advent of printed grammars*. Columbus: Slavica, 1983.

---

Data de Recebimento: 07/01/2009

Data de Aprovação: 27/03/2009

**Para citar essa obra:**

SERIOT, Patrick. A que Tradição Pertence a Tradição Gramatical Russa. RUA [online]. 2009, no. 15. Volume 1 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

**Laboratório de Estudos Urbanos – LABEUB**  
**Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI**  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

**Endereço:**

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

**Telefone/Fax:** (+55 19) 3521-7900

**Contato:** <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>